



São João da Barra: 157 anos de cultura, devoção e fé (?)¹

Autoras: Carla Cardoso Silva (Centro Federal de Ensino Tecnológico - Cefet/Campos, RJ) e Jacqueline da Silva Deolindo (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)²

Resumo: Este trabalho teve como objetivo analisar a mudança nas motivações dos festejos religiosos-culturais do município de São João da Barra, Estado do Rio, tendo como objeto principal de investigação a festa do padroeiro da cidade, São João Batista, bem como a história da festa, das tradições e atrações. Procuramos demonstrar que as mudanças nas motivações festivas estão diretamente relacionadas à adesão dos fiéis à figura materna de Nossa Senhora da Penha, padroeira dos pescadores, maioria dos que deram origem à cidade, e a uma diminuição do fervor religioso nesses tempos atuais, que favorecem a cultura do espetáculo.

Palavras-chave: São João, festa, religião, cultura

Introdução

“No Brasil, por toda a parte encontra-se a religião ou o que receba tal nome. Nada se pode fazer, nem observar sem deparar-se com ela de uma forma ou de outra. É o mais importante detalhe da vida pública e privada que aí temos. As festas e as procissões constituem os principais esportes e passatempo do povo, e neles os próprios santos saem de seus santuários, juntamente com os padres e a multidão, participam dos folguedos gerais. Não levar tais fatos em consideração seria omitir os atos mais populares e esquecer os protagonistas favoritos do drama nacional”. (Thomas Ewbank, 1976).

Motivações e críticas de longa data

“Festas e mais festas.

Não temos dinheiro, não temos progresso, não temos desenvolvimento de indústria, que é do que mais precisamos, mas em compensação temos festas de janeiro a

¹ Trabalho apresentado ao NP Folkcomunicação do VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, do 30º Intercom. Santos, 2007.

² Carla Cardoso Silva é jornalista, editora do caderno cultural do jornal Monitor Campista, especialista em assessoria de comunicação e cursa pós-graduação *latu sensu* em Literatura, Memória e Sociedade no Cefet/Campos, RJ. E-mail: carlacardos@gmail.com. Jacqueline da Silva Deolindo é jornalista, aluna do mestrado em Comunicação da UERJ, professora e coordenadora do curso de jornalismo da Fundação São José, em Itaperuna/RJ. E-mail: jacquelineolindo@hotmail.com.



dezembro e a visita de bandeiras dos santos em busca de níqueis para auxiliar os festejos.

Tivemos o mês de Maria, veio logo o Espírito Santo, seguiu-se santo Antônio, temos agora o São João, depois São Pedro, Santa Ana, Coração de Jesus, Boa Morte e etc... Somos um povo verdadeiramente festeiro e enquanto estamos nas festas esquecemos as mágoas que nos causam o bolso vazio e a carestia de vida, que cada vez mais nos assoberba.

No entanto parece que os santos não agradecem os nossos esforços e já vivem aborrecidos com a gente, porque quanto mais festas fazemos, menos progredimos. Santo Antônio, a quem as moças rodeiam de carinhos e de promessas, não é mais casamenteiro como antigamente; as sortes são sempre contraditórias e os papeizinhos postos à noite no sereno em forma de rifa, não amanhecem abertos no dia seguinte indicando o nome do noivo.

(...)

São João, conquanto tenha conservado a barra com a profundidade precisa à entrada dos navios, consente que eles cada vez mais se afastem de nosso porto e que o Paraíba fique também cada vez mais seco, razão porque Campos vai ser “porto de mar”, canalizando o rio até lá, a fim de que o mar lhe faça uma visita de agradecimento.

São Pedro, já velho e alquebrado, sentado eternamente naquela cadeira, já nem se lembra que foi pescador e por isso consente que nos carreguem todos os robalos, deixando-nos apenas os sairus, xingos e bagres e isto por muito favor. De sorte que nós quanto mais pedimos, rezamos e festejamos, menos alcançamos e a única coisa que entre nós progride sem interrupção é a decadência que há longos anos nos persegue como maldita parasita a sugar a seiva de frondosa árvore.

Não quero com isto dizer que sejam seguidas minhas teorias, mas à vista destas coisas que venho notando, sou um descrente das festas, porque os santos nem sequer fazem política e parecem não gostar das zumbaias e adulações que lhes são feitas.

Da santíssima política, encantadora deusa das grandezas mundiais, é que se pode esperar tudo...”.

A crítica ferrenha e bem humorada acima foi escrita pelo jornalista Zenriques, no jornal Batuta, em 22 de junho de 1919, em São João da Barra. Noventa e um anos depois, continua mais atual do que nunca, conforme pôde ser averiguado durante a execução da pesquisa que ora comunicamos.



Desde quando o Brasil ainda era Terra de Santa Cruz, as festas serviram como “... síntese das mediações, especialmente entre natureza e cultura, um dos elementos facilitadores do transplante de um modelo social europeu para terras tropicais até quase os últimos tempos do período colonial, quando a Igreja Católica imperava politicamente e as procissões e festas de santos eram praticamente intermináveis”, como explica Rita Amaral, citando Del Priore (1994) em sua obra *Festa à Brasileira: sentidos do festejar no país que "não é sério"*.

Ainda em meados do século XIX, religião e festejos, no Brasil, se uniam e ocupavam grande parte do tempo dos indivíduos. No entanto, a despeito da entrada no século XIX e no que muitos teóricos denominam pós-modernidade, o município turístico e com a maior parte da população católica (são mais de 28 mil moradores), São João da Barra ainda mantém a fama por sua hospitalidade, tranquilidade e, claro, suas festividades. Citamos algumas delas: o Reisado das Pastorinhas, promovido pelo grupo teatral Nós na Rua entre 24 de dezembro a 6 de janeiro; a Festa de Santo Amaro, em 15 de janeiro, em Grussaí; o Carnaval, considerado o melhor do interior do estado do Rio, com a tradicional rivalidade entre as escolas de samba Congos e Chinês; a Semana Santa, liturgia tradicional, com missas e procissões, como a do Encontro, na quinta-feira, e a do Enterro, na Sexta-feira Santa, quando homens envoltos em mortalhas brancas carregam o esquife com o corpo do Cristo sob um pálio, seguido pela imagem de Nossa Senhora das Dores e do “anjo cantor”, que exibe a Verônica, pano com a imagem do rosto de Cristo desenhada em sangue, em algumas esquinas das ruas da cidade, e o Auto da Paixão; a Festa de N. Sra. da Penha, toda segunda segunda-feira após o domingo de Páscoa, em Atafona, com procissão, carreta com a imagem da santa, barracas, shows; a Festa da Imperatriz do Divino Espírito Santo, que data da época colonial, criada por açorianos, realizada na segunda quinzena de maio, com procissão pelas ruas com a bandeira do Divino, cerimônia na igreja, ricas vestimentas e missa solene; o Dia da Cidade, 6 de junho, com desfile cívico, entrega de medalhas do Mérito Executivo “Barão de São João da Barra”, do Legislativo “Barão de Barcelos” e títulos de cidadãos honorários em sessão solene na Câmara Municipal para marcar o aniversário da emancipação político-administrativa do município; as festas juninas, celebrando também Santo Antônio e São Pedro, que completam o tríduo junino, com procissões e alvoradas, sendo que na festa de São Pedro há procissão fluvial de bateiras enfeitadas; a festa de São Benedito, com alvorada, procissão, meia maratona, em outubro; as cavalgadas, organizadas pela Associação de Cavaleiros Sanjoanenses em



algumas ocasiões, em especial no Dia da Cidade; o torneio de papa-capins (coleiros) cantadores, promovido pela Sociedade Ornitófila de São João da Barra, nas manhãs de domingo do mês de abril, no Ginásio de Esportes, e outros eventos que acontecem aleatoriamente na cidade.

Da gama de festejos listados no parágrafo anterior, elegemos a principal festa da cidade, a de São João Batista, santo padroeiro da localidade, comemorado no dia 24 de junho, dia dedicado ao santo no calendário católico, para este estudo de caso. Nosso objetivo é tão somente relatar as mudanças ocorridas nessa prática cultural ao longo dos séculos XVII ao XXI através de pesquisa bibliográfica e de entrevistas com fiéis.

As festividades acontecem em torno da Igreja Matriz de São João, no centro da cidade, o local escolhido pelo primeiro povoador, o pescador Lourenço do Espírito Santo, para erigir a capelinha em louvor ao santo de sua devoção, em 1630.

A festa do padroeiro acontece, portanto, desde o início do século XVII. Alvorada, missas solenes, procissões; shows religiosos, profanos, barracas típicas, competições esportivas, concurso de maior robalo vivo, espetáculo teatral “Salomé”, que conta a história dos últimos dias do profeta São João Batista fazem parte das atividades organizadas anualmente pela comunidade com apoio da Irmandade e do Governo municipal. A tradicional procissão fluvial, com barcos de pescadores e fiéis que acompanham a lancha com a bandeira do padroeiro, a cada 23 de junho, é a atividade que ora abordamos. A cada festa, o Rio Paraíba do Sul, que corta São João da Barra, serve como palco para uma das principais atrações culturais do município, que vem perdendo seu cunho religioso.

História e tradição

O jornalista Carlos Sá, pesquisador da história do município São João da Barra e presidente da Casa de Cultura Zenriques (Sá é bisneto de Zenriques, que por ironia, embora não pareça por conta de artigo citado acima, era devoto de São João Batista), presume que a tradicional procissão, realizada sempre na véspera do dia do santo, tenha surgido ainda no tempo do povoado de São João Batista da Barra, fundado pelo pescador Lourenço do Espírito Santo.

A procissão representa a vinda de Lourenço, que subiu o rio após o afogamento de sua esposa em Atafona, em 1630, acompanhado pelas famílias que o seguiam desde Cabo Frio. No barco, trazia a imagem de São João

Batista, para quem ergueu uma capela com telhado de palha no local mais alto da margem direita do rio Paraíba do Sul. Até pouco tempo, a bandeira era içada num mastro erguido junto ao prédio da Cia. De Navegação São João da Barra/Campos, demolido na década de 1970³.

Em suas pesquisas, Carlos Sá levantou fatos curiosos sobre o tradicional evento de cunho religioso e folclórico da região. “Seguindo a tradição, mesmo em 1883, quando não houve a festa do padroeiro porque a matriz, incendiada no ano anterior, estava em obras, a procissão fluvial foi realizada”, ressalta.

O cortejo da procissão citada por Carlos Sá segue da praia de Atafona, com destino ao Cais do Imperador, na praça matriz da cidade, trazendo a bandeira do padroeiro. Em seguida, o estandarte percorre as ruas da cidade, acompanhada pela centenária banda musical União dos Operários.

Réplicas da Igreja Católica Matriz, caravelas da época do “descobrimento” do Brasil, times de futebol, temas futuristas, circos, dragões e até mesmo um cisne gigante, já inspiraram a ornamentação de curiosos barcos participantes do ato cultural-religioso de devoção. Aliás, quanto mais trabalhosa a decoração, mais simbolicamente cara, e maior a satisfação dos pescadores em ostentar a obra-prima à multidão que se aglomera todos os anos para acompanhar a tradicional procissão, reverenciando o santo padroeiro.

Quem assiste ou participa fica maravilhado com o jogo de cores e a energia transmitida pelo espetáculo que se dá nas águas do Rio Paraíba do Sul. Milena Siqueira, que já esteve numa das embarcações, garante. Passamos uma energia muito positiva um para o outro. É muito gratificante chegar ao Cais do Imperador e ser recebida por tantas pessoas, que nos aplaudem. Mas nunca nos esquecemos que a animação é toda para São João Batista”, depõe⁴.

Morador de São da Barra, o universitário Rennan Cunha tem apenas 22 anos e uma grande responsabilidade. Há três anos é presidente da Irmandade São João Batista, seguindo uma tradição de família: seu avô ocupou o cargo e também o seu pai, por 12 anos consecutivos. “Desde pequeno eu já acompanha esse ritmo, já ajudava nos trabalhos da igreja junto com o meu irmão, que também faz parte da diretoria da irmandade”, conta o rapaz.

No entanto, segundo Cunha, mesmo que ainda existam fiéis de devoção sincera, a religiosidade tem mesmo ficado em segundo plano na procissão, que ganhou a

³ Entrevista concedida à jornalista Carla Cardoso em abril de 2007.

⁴ Idem.



alcunha de “desfile”. Ele explica que as premiações oferecidas aos barcos enfeitados no desfile fluvial são uma forma de incentivar a participação das pessoas e incrementar ainda mais a festa, além de ser um dos únicos recursos de manter a tradição. Rennan acredita que a perda da religiosidade na atividade festiva deve-se ao corre-corre dos indivíduos e que buscam a Deus apenas em momentos de dificuldades.

Antes as pessoas participavam mais e com mais boa vontade. Hoje em dia está cada vez mais difícil resgatar esse interesse. Se não tiverem uma motivação não consegue-se realizar uma bela festa. O incentivo da prefeitura e do comércio local é válido. Assim como há tantos anos atrás, hoje também fazemos o mesmo trajeto com o mastro do santo. Eu levo e entrego a algum pescador em Atafona que o traz até à igreja, acompanhado por outros barcos. Já em terra, fazemos uma procissão com a imagem pelas ruas da cidade. Antigamente, meus avós já faziam festas de santos, e minha avó conta que era muito fácil encontrar pessoas para ajudar. Todos queriam. Hoje em dia, não encontramos pessoas dispostas a auxiliar. Na igreja foi preciso montar uma comissão de festa para promover esses eventos.

São João x Nossa Senhora da Penha

Desde o início do século XVII, todos os anos, o mesmo ritual: devoção, fé e cultura se misturam à criatividade e expectativas da comunidade quanto à procissão fluvial em homenagem ao padroeiro de São João da Barra, São João Batista.

A pesquisadora Rita Amaral cita que nos festejos religiosos dos tempos coloniais

era obrigatória a participação não apenas de todos os portugueses cristãos, como também dos índios e, posteriormente, dos escravos. Um dos mandamentos da lei da Igreja inclusive determina “Guardar domingos e festas de guarda”... No Novo Testamento, há passagens significativas da valorização da festa nos momentos em que o próprio Cristo delas participa, deslocando-se muitas vezes de locais distantes para atingi-la.

João Batista Moreira Ferreira⁵ nasceu há 45 anos, no dia de São João Batista. Daí a explicação para o nome registrado. “Minha mãe estava na festa quando começou a sentir as dores do parto. Meu pai não estava em casa quando eu nasci, porque ele ficou na festa”, conta João, que possui mais 11 irmãos, alguns com nomes em homenagem a santos por terem nascido em datas comemorativas. “Tem a Dolores de Ramos, porque

⁵ Entrevista concedida à jornalista Carla Cardoso em abril de 2007.



nasceu no Domingo de Ramos, a Maria José, no Dia de São José. Tem também o Moisés, que é nome bíblico, e por aí vai”, diz.

Apesar de ter seu nome em honra a São João Batista e até liderar a banda que anima os festejos do santo, Ferreira, na verdade, é devoto de Nossa Senhora da Penha, assim como muitos conterrâneos. “Aqui não tem muitos devotos ao padroeiro. A maioria são devotas à Nossa Senhora da Penha, inclusive eu. Creio que isso acontece por muitos serem pescadores no município. Quando eu era mais novo, participava mais das procissões”, acredita o músico, que já foi secretário Municipal de Turismo do município.

João Batista conta que, nesta época – de 2000 a 2004 – ele buscou incrementar e apoiar os festejos do padroeiro da cidade, tendo inclusive, participando de desfiles fluviais.

Até hoje observo os desfiles. Nunca entendi porque não há tanta força nos festejos do padroeiro. Não era para ser assim. Na festa de Nossa Senhora da Penha, apenas a procissão com a imagem da santa já atrai muitas pessoas. Quando fui secretário, tentei incrementar mais os festejos do padroeiro, colocando concursos como os de quadrilha, porque a parte folclórica atraía mais. Tentei então me voltar a essa parte mais popular da festa.

Religião x Estado

Assim como as festas, a parceria entre Igreja e Estado para realizá-las também permanece como herança do colonialismo no Brasil. Amaral (op. cit) observa que a parceria dos dois poderes “tornava as festas simultaneamente sagradas e profanas, e tornou muito comum, ainda, um comportamento extremamente devoto por parte das populações coloniais, acentuando a identificação entre a Igreja e o Estado”.

Diversos autores já escreveram sobre a proximidade que há entre Cultura e Estado e sobre como o conceito de cultura foi manipulado ao longo dos séculos para atender às diversas necessidades políticas. Eagleton (2005) já debateu com a idéia corrente nos séculos XVII de que o Estado é a própria cultura. Citando Shiller, Eagleton lembra como, para o autor, que escreveu na Europa do século XVIII,

cultura é justamente o mecanismo daquilo que mais tarde será chamado ‘hegemonia’, moldando os sujeitos humanos às necessidades de um novo tipo de sociedade politicamente organizada, remodelando-os com base nos agentes dóceis, moderados, de

elevados princípios, pacíficos, conciliadores e desinteressados dessa ordem política. (p. 19)

Continuando, o autor lembra que segundo certa perspectiva, no pensamento corrente à época, à medida que a nação pré-moderna dá lugar ao Estado-nação moderno, a estrutura de papéis tradicionais já não pode manter a sociedade unida, e é a cultura, no sentido de ter em comum uma linguagem, herança, sistema educacional e valores compartilhados.

Cuche (1999), por sua vez, lembra que a construção da identidade tornou-se um assunto de Estado e como o Estado, em muitos casos, apropriou-se do papel de gerente dessa mesma identidade. Consideração semelhante faz Oliveira (in OLIVEIRA, VELLOSO & GOMES, 1982), quando diz que ‘O Estado é responsável por manter a ordem moral, é o tutor da virtude cívica, da consciência imanente da coletividade. (p. 26).

As manifestações folk-religiosas, no entanto, como é o caso dos festejos de São João Batista, padroeiro de São João da Barra, por mais que recebam “moldes” do Estado ou “apoio”, “suporte” para não morrerem na praia, terão chances de resguardar sua identidade enquanto tiverem um mínimo de espontaneidade e ligação com suas origens populares, que levam a termo as práticas espontâneas, práticas estas que o Estado pode até mesmo incrementar, mas nunca manipular totalmente ou extinguir.

Pesavento (2005) tem a identidade como uma representação social, “uma construção imaginária que produz a coesão social” (p. 89). A identidade, dessa forma, deve apresentar um capital simbólico de valoração positiva, deve atrair a adesão, ir ao encontro das necessidades mais intrínsecas do ser humano de adaptar-se e ser reconhecido socialmente. A autora cita, então, exemplos concretos das ferramentas que tornam esse projeto possível: a elaboração dos mitos de origem, que compõe conjuntos de referências para as raízes de um povo, com seus mesmos heróis, sua história comum, seu discurso unificado, “verdadeiros ícones de sentido, altamente mobilizadores” (p. 91). Por representação social entendemos um saber, um modo de conhecer, efetivamente praticado e detectado em comportamentos e comunicações que de fato ocorram sistematicamente (SÁ, op. cit., p. 50). E uma das categorias indispensáveis quando se trata das representações sociais é o imaginário, “um sistema de idéias que os homens constroem para si, dando sentido ao mundo” (PESAVENTO, op.cit., p. 43), conferindo-lhe sentido ontológico, organizando-o e produzindo a coesão ou o conflito.

Em São João da Barra, todos os anos, a prefeitura prepara uma programação extensa, com direito a missa, desfiles (cívico e fluvial), shows musicais, eventos esportivos. Por tratar-se de um município com potencial turístico, os festejos são aguardados com ansiedade pelos fiéis comerciantes do local, que vêem na programação uma opção para aumentar as vendas em vestuário e adornos.

O dia do padroeiro, dia 24, é marcado, além das atividades e concursos, pelos batizados na Igreja Matriz e missa solene. À noite, acontece tradicional Procissão do Padroeiro São João Batista, percorrendo as principais ruas da cidade, acompanhada das Irmandades da Paróquia e das Bandas União dos Operários e Amédio Venâncio da Costa. É também nesta noite que acontece o show católico e a entrega oficial das premiações, encerrando com show profano.

Em torno da Igreja de São João Batista, é tradição os barraqueiros montarem instalação para oferecer comidas típicas do período do ano – festejos juninos – e artesanato local. Na oportunidade, cidadãos de outros municípios são agraciados com honras e títulos de cidadania sanjoanense. Os beneficiados geralmente são pessoas já conhecidas na comunidade, veranistas que apreciam as belezas naturais do município e que atuam em prol da localidade.

A mistura entre religioso e profano também é herança dos tempos da colonização do Brasil. Em sua pesquisa, Amaral cita que a presença das danças profanas nas festas religiosas surge como resquício da catequese jesuítica. A Igreja permitia que os índios e os negros dançassem, pois a dança era considerada uma maneira de agradar a Deus. Depois do Concílio de Trento (1545 - 1563), estas danças se tornaram um dos elementos mais enriquecedores e ornamentais acrescidos ao culto católico.

Mello Moraes Filho (1979) diz que a música sacra das festas religiosas mesclava-se geralmente com ritmos populares portugueses e espanhóis, mostrando que as fronteiras entre o sacro e o profano, o popular e o erudito não estavam claramente estabelecidas. Desse modo, aos poucos, foi acontecendo um poderoso sincretismo das práticas étnicas, que começaram a se fundir no período colonial.

Conclusão



No estudo do referido caso vimos que a tradicional procissão fluvial em São João da Barra transformou-se em desfile nas últimas décadas (as atas da Irmandade datadas ainda dos fins de 1800 até os dias atuais, não declaram com precisão a data em que essa mudança ocorreu efetivamente), devido à pouca adesão por parte dos “fiéis”.

O desfile, mediante à premiação com brindes e dinheiro, seria – neste caso – visto como uma forma de incentivo, como atestou o atual presidente da Irmandade, Rennan Cunha, para que a tradição não chegue ao fim. Para tanto, o evento tem apoio da prefeitura e do comércio local na premiação das embarcações mais bem decoradas. Os interessados em participar do concurso, podem fazer as inscrições na Secretaria Municipal de Pesca, mediante a troca por alimentos não perecíveis, que são doados a entidades assistenciais.

Foi observado, ainda, que mesmo sendo São João Batista sendo o padroeiro da cidade, a maioria dos fiéis, pescadores ou familiares, procura proteção em Nossa Senhora da Penha. Segundo as fontes entrevistadas, essa devoção ocorre por terem os pescadores grande peso na comunidade, que se formou também assim, pelas águas.

No entanto, segundo o presidente da Irmandade que se esforça por manterem as honras a São João, há esperanças de que a tradição não se extinga. “Eu creio que a fé em São João e a religiosidade não vão acabar de vez. Embora poucos, sempre vai haver pessoas empenhadas nesse propósito. Se depender de mim, não acaba”, garante o devoto.

Referências bibliográficas

- CUCHE, Denis. *A noção de cultura nas ciências sociais*. São Paulo: EDUSC, 1999
- EAGLETON, Terry. *A idéia de cultura*. São Paulo: Editora UNESP, 2005
- JODELET, Denise. *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2005
- MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Rio de Janeiro, Vozes, 2003
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005
- SÁ, Celso Pereira de. *A Construção do Objeto de Pesquisa em Representações Sociais*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1996